Prefácio

Leão, missionário de paz e união

de Andrea Tornielli

Para além das inevitáveis e sempre saudáveis diferenças devidas à idade, à proveniência, à formação, ao temperamento e à história de vida, ao refletirmos em profundidade, é impossível não reconhecer que Leão XIV, o primeiro papa dos Estados Unidos, é, de certa forma, um fruto do pontificado de Francisco. E não só porque o seu predecessor, há pouco mais de dois anos, o escolheu como prefeito do Dicastério para os Bispos e o incluiu pouco tempo depois no Colégio Cardinalício, mas também porque Robert Francis Prevost encarna o modelo de «pastor com o cheiro das ovelhas» do qual o Papa Francisco falava tantas vezes. Norte-americano, mas missionário no Peru, religioso agostiniano com dois mandatos de superior-geral e, depois, bispo em Chiclayo (cidade que foneticamente não se afasta muito, mas que é muito diferente na essência, de Chicago, onde o novo papa nasceu), cardeal prefeito, mas com uma experiência curial recente.

Se excluirmos o caso de Eugenio Pacelli, o ex-secretário de Estado no momento da eleição do sucessor de Pio XI em março de 1939, há mais de um século que só se tornavam papas arcebispos ou ex-arcebispos

de dioceses metropolitanas, grandes ou historicamente prestigiosas (Milão, Veneza, Bolonha, Cracóvia, Munique, Buenos Aires): em 2025, tornou-se Pontífice um cardeal que até três anos antes era bispo de uma diocese de missão. Com Francisco, as periferias do mundo e da Igreja foram colocadas no centro das atenções. Com Leão, as periferias tornam-se o centro: apresentando-se pouco depois de ter sido eleito, o primeiro bispo de Roma norte-americano não dirigiu aos fiéis quaisquer palavras em inglês, na sua língua materna, mas sim em espanhol, a sua segunda língua, para cumprimentar os peruanos de Chiclayo. Papa do novo mundo, papa do mundo, com raízes migrantes italianas e francesas.

É impressionante que o novo papa tenha querido vincular a sua primeira mensagem àquela que foi brusca e inesperadamente interrompida no dia de Páscoa, quando Francisco, fragilizado pela doença, difundiu a última *Urbi et Orbi*[1], o último grito de paz antes de abraçar pela última vez o povo de Deus presente na praça. Apresentando-se visivelmente comovido na varanda central de São Pedro, logo após a eleição, Leão falou de paz e, nos dias seguintes, repetiu o grito de Francisco e dos predecessores: «Guerra nunca mais!» O convite para construir pontes, para o diálogo com todos e o compromisso em continuar no caminho da sinodalidade dizem-nos que o pontificado do papa das duas Américas segue os passos do pontificado do antecessor.

Sendo a eleição do cardeal Prevost uma grande surpresa – certamente não o foi para os eleitores do Conclave, mas para a opinião pública e, em geral, o mundo dos média –, poucos estavam preparados para apresentar esta figura. Domenico Agasso, vaticanista do jornal *La Stampa*, oferece-nos este retrato sucinto, mas eficaz, que se inspira nos acontecimentos do último mês, apresentando-nos os elementos essenciais para compreender o Papa Leão XIV e a sua história, a sua missão como agostiniano e como bispo na América Latina. É um livro que reorganiza os vários elementos que surgem logo a seguir à eleição do novo papa, procurando, antes de mais, passar a sua mensagem, a

[1] Em português: «à cidade e ao mundo». *(N. da T.)*

sua visão enraizada na história de um Padre da Igreja tão antigo e tão moderno como Agostinho, o homem da fé inquieta, o bispo que se faz irmão, que prega a união em Cristo e o primado da graça.

Domingo, dia 18 de maio de 2025, o novo pastor da Igreja universal celebrou na praça de São Pedro a missa para o início do seu ministério e, durante a homilia, proferiu palavras simples e profundas, reveladoras do seu coração e também das prioridades e do estilo do seu pontificado. O papa, como explicou, procurará ser «um pastor capaz de preservar o rico património da fé cristã e, ao mesmo tempo, lançar o olhar para longe para ir ao encontro das perguntas, das inquietações e dos desafios de hoje». Afirmou que foi escolhido «sem qualquer mérito e, com temor e tremor, venho a vós como um irmão que quer fazer-se servo da vossa fé e da vossa alegria, caminhando convosco pelo caminho do amor de Deus, que nos quer todos unidos numa única família. Amor e união: estas são as duas dimensões da missão que Jesus confiou a Pedro».

Numa altura em que se multiplicam os focos de guerra e se enchem os arsenais de armas mortais, numa altura em que se «rearmam» os corações e parece prevalecer a linguagem do ódio e da contraposição, numa altura em que o número de pessoas que têm fome aumenta e um paradigma económico que tem o «deus» dinheiro como centro esgota os recursos da Terra, o homem vestido de branco, que escolheu o nome antigo e possante Leão, pede à Igreja para ser um «pequeno rebento», um testemunho de união, de comunhão, de fraternidade.

A última Páscoa

Uma despedida repentina. Na manhã de Páscoa, dia 20 de abril de 2025, o Papa Francisco apresenta-se na varanda central de São Pedro para a bênção *Urbi et Orbi*. Giram-no na cadeira de rodas, tem o rosto marcado pelas longas semanas de sofrimento, consegue pronunciar com dificuldade o seu desejo de «boa Páscoa» numa voz fraquíssima. Move apenas as mãos, sem as conseguir levantar, para fazer um pequeno aceno e desaparece de vista.

Mas, pouco tempo depois, a multidão na praça vê-o surgir no habitual papamóvel branco para uma volta de acenos imprevista e imprevisível. E assim, pela última vez, Francisco aproxima-se dos olhos e das mãos do seu povo, um cumprimento carinhoso e definitivo.

Nas primeiras horas do dia seguinte, 21 de abril, segunda-feira do Anjo, Francisco tem uma nova crise, falecendo às 7h35.

Doze anos após aquele célebre e surpreendente «Irmãos e irmãs, boa tarde!» pronunciado da varanda central de São Pedro, o papa deixa-nos, vítima de um AVC aos oitenta e oito anos de idade.

Nascido em Buenos Aires a 17 de dezembro de 1936, Jorge Mario Bergoglio apresenta-se ao planeta vestido de branco no dia 13 de março de 2013, afirmando que os cardeais foram buscar o novo Bispo de Roma

«quase ao fim do mundo». Surpreende e encanta de imediato a sua simplicidade, quase querendo proclamar em poucas frases o estilo do seu pontificado. Será um magistério com a proximidade, a ternura, o diálogo com todos, dentro e fora do recinto católico, no centro. E depois, sobretudo, os pobres. Podemos percebê-lo pela escolha imprevisível do nome: Francisco. Uma evocação do Santo Pobre de Assis, uma decisão cristalizada nos primeiros instantes após a eleição, quando, na Capela Sistina, o seu vizinho de banco, o cardeal brasileiro Cláudio Hummes, ao felicitá-lo, recorda-o de não esquecer os pobres.

O primeiro papa da América Latina, com origens no Piemonte, o primeiro jesuíta, surpreende todos até com a sua vontade de viver na sóbria Casa de Santa Marta, e não no Palácio Apostólico: «Não é tão luxuoso», explicará várias vezes, «mas é enorme. A sensação que me dá é a de um funil ao contrário». Não conseguiria aguentar «psicologicamente» viver lá dentro sozinho. Quando lhe perguntam qual é a origem da decisão, diz que a tomou «por motivos psiquiátricos, pela minha saúde, para não acabar mal». A Casa de Santa Marta é «um abrigo» que lhe permite estar «com as pessoas, entre a gente».

O Bispo de Roma compele os fiéis, observadores e adeptos dos trabalhos a «segui-lo» até na sua primeira saída dos confins do Vaticano: Lampedusa. Escolhe esta ilha porque é o símbolo do drama dos desesperados do mar, das tragédias dos migrantes, e ali fala da «globalização da indiferença», o que o levará depois, ao longo dos anos, a denunciar em diversas ocasiões o desinteresse para com o próximo mais fraco ou na posição mais incómoda e a condenar a «cultura do descarte».

No dia 24 de maio de 2015, publica a encíclica *Laudato si*[2], na qual afirma: «A Terra está ferida, é preciso uma mudança ecológica. Crescemos a pensar que éramos proprietários e dominadores da Terra, que tínhamos autorização para a saquear.» Lança um apelo aos governos e instituições, escrevendo que a crise ambiental é uma crise antropológica e está ligada ao modelo de desenvolvimento: é preciso eliminar os problemas estruturais de uma economia que não respeita

[2] Em português: "Louvado seja". (*N. da T.*)

todos os seres humanos, mas apenas alguns privilegiados. Propõe novos estilos de vida sob a bandeira da ecologia integral.

Outra prioridade é a reforma do sistema económico-financeiro da Santa Sé para pôr fim aos escândalos e recuperar as finanças do Vaticano.

A mensagem «de Jesus é a misericórdia. Para mim, e digo-o com humildade, é a mensagem mais forte do Senhor». O Jubileu Extraordinário da Misericórdia é anunciado pelo Papa Francisco no dia 13 de março de 2015. É oficialmente aberto no seguinte dia 8 de dezembro em São Pedro, mas com outro gesto inédito: o Pontífice já tinha aberto uns dias antes a Porta Santa, não em Roma, mas sim na catedral de Bangui, na República Centro-Africana, um país em guerra, entre os mais pobres do planeta, onde se encontrava em visita apostólica.

Na altura dos terríveis atentados do ISIS, no dia 4 de fevereiro de 2019, em Abu Dhabi, Francisco e o grande imã de al-Azhar, Ahmed Al-Tayyeb, por ocasião da visita do papa aos Emirados Árabes Unidos, assinam o *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e a convivência comum*. Os dois líderes declaram que «as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade e extremismo, nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião». Portanto, convidam a deixar «de usar o nome de Deus para justificar atos de homicídio, de exílio, de terrorismo e de opressão».

Algumas semanas depois, reúne as «tropas» purpuradas e episcopais com o objetivo de enfrentar a praga mais dolorosa e escandalosa que continua a ferir a Igreja: a pedofilia. Entre os dias 21 e 24 de fevereiro, convoca os chefes das conferências episcopais e os representantes das ordens religiosas de todas as nações para o encontro intitulado «A proteção dos menores na Igreja». Os abusos sexuais ocorrem em toda a sociedade, mas isso não «diminui esta monstruosidade dentro da Igreja». Aliás, no âmbito eclesiástico, esta «desumanidade» é «ainda mais grave», afirma o Pontífice no seu discurso de encerramento.

O papa denuncia e lança um grito: na raiva das pessoas está a ira de Deus. Promete: mesmo um só caso será enfrentado com a maior das seriedades, sem quaisquer coberturas. Na Igreja «cresceu a consciência do dever que tem de procurar não só conter os gravíssimos abusos com medidas disciplinares e processos civis e canónicos, mas também enfrentar decididamente o fenómeno dentro e fora da Igreja. Sente-se chamada a combater este mal que atinge o centro da sua missão: anunciar o Evangelho aos pequeninos e protegê-los dos lobos vorazes».

É o primeiro papa a conviver no Vaticano com o seu predecessor, Bento XVI, que renunciou ao pontificado a 11 de fevereiro de 2013, dia de Nossa Senhora de Lourdes. Algumas tensões colaterais abrem a questão constitucional acerca da ausência de um regulamento do estatuto do Pontífice emérito. De qualquer forma, Francisco considera-o o «avô sábio» e Bento confirma várias vezes a amizade e o respeito pelo seu sucessor, sentindo-se «protegido pela sua bondade». E quando Francisco se encontra sob o ataque da oposição, Bento recorda aos novos cardeais «o valor da lealdade ao Pontífice».

No dia 27 de março de 2020, da praça de São Pedro, o papa guia a *Statio Orbis*[3] sozinho, um momento extraordinário de oração pelo mundo cercado pela pandemia de covid. Na praça deserta, num dia chuvoso, pede a Deus para «não nos deixar à mercê da tempestade. Desperta, Senhor! Acorda!», invoca Francisco, citando as palavras dos discípulos surpreendidos pelo mar agitado enquanto Jesus dorme. «Estamos todos no mesmo barco. Ninguém se salvará sozinho» é o apelo à solidariedade entre pessoas e entre nações.

No dia 3 de outubro de 2020, publica a encíclica *Fratelli tutti*[4]. Que a política «não degenere em populismo». Francisco parte da pandemia, que «não é um castigo de Deus, é a realidade que se lamenta e se revolta». A emergência de saúde global serviu para demonstrar que só poderemos sair da mesma todos juntos, através do caminho da solidariedade. Portanto, está na altura de destruir muros, anular tentações

[3] Em português: «Paragem do Mundo». (*N. da T.*)

[4] Em português: «Todos Irmãos». (*N. da T.*)

nacionalistas e perigos de xenofobia. É necessário ganhar distância dos populismos, que, na verdade, «instrumentalizam os povos». Na encíclica, o papa escreve sobre «sonhar como uma única humanidade», citando Martin Luther King, Desmond Tutu, o *Mahatma* Gandhi e o bem-aventurado Charles de Foucauld.

Em doze anos, Francisco fez 47 viagens apostólicas internacionais, visitando 66 países, e 40 visitas pastorais a 49 cidades ou aldeias italianas. De 5 a 8 de março de 2021, esteve no Iraque, onde visitou a antiga fortaleza dos terroristas do autoproclamado Estado Islâmico: um gesto de grande valor simbólico, além de histórico. O nome de Deus não pode ser invocado para matar, reforça o Pontífice na oração pelas vítimas da guerra em Mossul, onde o ISIS anunciou o califado.

Em 2024, aos 87 anos, lança-se num histórico grande esforço que o levará a tocar as feridas ambientais e sociais da Ásia e da Oceânia. Vai à Indonésia, à Papua-Nova Guiné, a Timor-Leste e a Singapura: com 12 dias e 32 814 quilómetros percorridos, é a viagem mais longa do pontificado.

No dia que se seguiu à invasão russa da Ucrânia, Francisco quebra o protocolo e realiza um gesto diplomático sem precedentes, indo em pessoa à Via della Conciliazione falar com o representante russo junto à Santa Sé – ignorando a Secretaria do Estado e os serviços competentes – para entregar uma mensagem dirigida ao presidente russo Vladimir Putin. A partir daquele dia, o esforço do papa e da Santa Sé para tentar pôr fim às hostilidades é quotidiano, através do trabalho da diplomacia do Vaticano e dos apelos contínuos e sinceros à paz. Numa entrevista para o jornal *La Stampa*, Francisco afirma que «a paz é possível entre Kiev e Moscovo. Não nos resignemos. Mas é preciso que todos se esforcem para desmilitarizar os corações, começando pelo de cada um, e depois desativar, desarmar a violência. Temos de ser todos pacifistas. Querer a paz e não apenas uma trégua que talvez só sirva para o rearmamento. A paz verdadeira, que é fruto do diálogo». E que não se obtém «com as armas».

Convocou o Sínodo Sobre a Sinodalidade. Quer deixar a Igreja mais bem preparada para partilhar a responsabilidade com os leigos e com

as mulheres (o Papa Francisco nomeou a primeira prefeita da Cúria Romana), para escutar o mundo e a contemporaneidade, para fazer um caminho missionário pelas ruas das «periferias geográficas e existenciais», sem medo de sair das sacristias, ultrapassando os preconceitos ideológicos, mas sem deturpar a doutrina. Em 2023, na Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, afirma que «na Igreja há lugar para todos, todos, todos!». É um dos maiores desafios que o sucessor de Francisco irá herdar.

O sábado de 26 de abril de 2025 é, por fim, o dia do adeus. Em frente ao mundo inteiro, e aos chamados grandes da Terra, com Trump e o argentino Milei na primeira fila, celebra-se o funeral do Papa Francisco. Milhares e milhares de pessoas na praça e nas zonas adjacentes, televisões de todos os cantos do mundo e o sol que reluz sobre a praça de São Pedro. À margem da cerimónia, uma cena capta o interesse do mundo e os títulos dos jornais. Trump e o presidente ucraniano Zelensky, num dos cantos da basílica, sentados em duas cadeiras quaisquer, um em frente ao outro, olhando-se nos olhos, conversam durante alguns minutos. Muitos veem naquele gesto e na sua imagem o último «milagre» do papa Bergoglio, uma esperança de paz para a Ucrânia, depois do tempestuoso encontro entre os dois na Casa Branca no anterior mês de fevereiro.

O caixão do papa é colocado em frente ao altar, num ritual já visto com os antecessores; cardeais, bispos e imensos sacerdotes reúnem-se para a despedida. Preside o cardeal Giovanni Battista Re, decano do Colégio Cardinalício.

Durante a homilia, recorda um pastor «desejoso de estar perto de todos, com uma especial atenção às pessoas que passam dificuldades, despendendo sem medida, em particular para os últimos da Terra, os marginalizados. Foi um papa entre as pessoas com o coração aberto a todos. Além disso, foi um papa atento àquilo que de novo emergia na sociedade e àquilo que o Espírito Santo suscitava na Igreja».

Para o cardeal decano, Francisco «procurou iluminar com a sabedoria do Evangelho os problemas do nosso tempo, oferecendo uma resposta à luz da fé e encorajando as pessoas a viver como cristãos os

desafios e as contradições destes nossos anos de mudanças, que adorava classificar como "mudança de época"».

O vento folheia as páginas do Evangelho pousado sobre o caixão enquanto o cardeal Re continua a enumerar os momentos e os temas marcantes do pontificado. Recorda as encíclicas e as viagens à volta do mundo, as preocupações com os pobres e os migrantes, o desejo de acolher todos na Igreja.

«O fio condutor da sua missão», explica, «também foi a convicção de que a Igreja é uma casa para todos; uma casa de portas sempre abertas. Muitas vezes, recorreu à imagem da Igreja como um hospital de campanha após uma batalha na qual houve muitos feridos; uma Igreja desejosa de solucionar com determinação os problemas das pessoas e as grandes ausências que dilaceram o mundo contemporâneo; uma Igreja capaz de se curvar perante cada homem, independentemente de todos os credos ou condições, curando as suas feridas. Inúmeros foram os seus gestos e as suas exortações a favor dos refugiados e dos deslocados».

Cita as viagens a Lampedusa e a Lesbos, a missa na fronteira entre o México e os Estados Unidos, o Iraque e os massacres do ISIS, reinvoca o Jubileu Extraordinário da Misericórdia e o da Esperança, aberto apenas poucos meses antes.

Termina a homilia recordando como «o Papa Francisco costumava concluir os seus discursos e os seus encontros dizendo: "Não se esqueçam de rezar por mim". Caro Ppapa Francisco, agora pedimos-lhe para rezar por nós e que do Céu abençoe a Igreja, abençoe Roma, abençoe o mundo inteiro, como fez no domingo passado da varanda desta basílica num último abraço a todo o povo de Deus, mas idealmente também a humanidade que procura a verdade com um coração sincero e mantém acesa a chama da esperança».

Por fim, Francisco atravessa Roma pela última vez, acompanhado pelo afeto e pelas lágrimas de milhares de pessoas que ladeiam a passagem do papamóvel branco, que transporta o seu caixão até Santa Maria Maior, a casa da *Salus Populi Romani*, onde tantas vezes se dirigiu – antes e depois das suas viagens apostólicas – e onde pediu para

ser sepultado. Um túmulo simples e essencial, o nome «Franciscus» escrito sobre o mármore branco. É ali que o papa vindo quase do fim do mundo espera pela ressurreição.

A Igreja procura o novo Pedro.

Ao pôr do sol romano

Um americano em Roma. O papa norte-americano. Aberturas de telejornais no dia 9 de maio de 2025. Prevalece a nacionalidade do novo pastor da Igreja universal: Robert Francis Prevost é natural de Chicago, Illinois. Um papa norte-americano, qual foi a ideia dos eminentíssimos cardeais? Precisamente quando Donald Trump ocupa a Casa Branca, também apoiado pela maioria dos votos dos católicos dos Estados Unidos. O que é isto, um favor a Trump? Um despeito a Trump?

A primeira reação dos média internacionais é totalmente política. Prevost é de direita, de esquerda ou talvez de centro? Prevost é um bergogliano ou talvez não, ou apenas um pouco? Progressista ou conservador? Irá dar que fazer ao seu presidente ou vai seguir as suas ideias em qualquer caso? E quanto às guerras, Ucrânia, Israel-Palestina, mas não só, como se comportará perante os massacres terríveis dos campos de batalha? Estará do lado de Putin ou do lado de Zelensky, do lado do Hamas ou do lado de Netanyahu?

O que esperar de um norte-americano de Chicago, a pátria de Barack Obama, dos Blues Brothers e de Al Capone, lugar de oportunidades e contrastes como em mais lado nenhum? Durante dias, semanas e meses

falou-se e escreveu-se sobre um italiano – Parolin, Zuppi, Pizzaballa, Betori, Gugerotti –, sobre o filipino Tagle e sobre o húngaro Erdo, sobre o francês Aveline e ainda de outros, classificados, antes de mais, pela sua proveniência geográfica e, depois, pela proveniência apenas política – direita, esquerda, centro, bergoglianos e anti –, segundo as lógicas radicais das campanhas eleitorais comuns. Grupos de votos, alianças, correntes, venenos e confrontos: o clássico arsenal do combate político quotidiano transposto na íntegra para a Capela Sistina, sob o teto de Miguel Ângelo, em frente ao *Juízo Final*.

Por fim, chega-nos Robert Francis Prevost, norte-americano e moderadamente bergogliano, cujo nome dava a volta às redações, embora com pouca convicção: uma boa pessoa, sim, mas um norte-americano, desde quando é que um norte-americano se tornará papa? Aconteceu, e então recomeçam as disputas geográficas e políticas.

Do lado de fora do círculo católico estreito e talvez, em certos casos, também do lado de dentro, o papa – qualquer papa – é reduzido a líder político e o Conclave a uma assembleia de grandes eleitores ou a um conselho de administração. Simplificação jornalística, mas também especulação política.

Contudo, o Espírito Santo, a mais misteriosa das pessoas da Santíssima Trindade, não tem em conta a origem geográfica, iluminando as mentes dos eminentíssimos cardeais acerca de outros aspetos mais relevantes na escolha do sucessor de Pedro. O Espírito não deposita o boletim de voto na urna, mas visita sem dúvida os corações e os cérebros dos votantes, aconselhando-os sobre qual é a pessoa certa para dado momento histórico.

A escolha de Robert Francis Prevost não é exceção. Não se tornou papa por ser dos Estados Unidos, talvez se tenha tornado papa *apesar* disso, mas por ter sido apontado pelo Espírito e por os seus confrades terem votado nele devido aos seus dotes e às suas virtudes humanas e cristãs de padre, missionário, bispo e cardeal.

Não compreendemos nada do papado – ou dos papas – se não abandonarmos as categorias humanas da geografia e da política para nos deixarmos levar pela brisa do Espírito, que sopra para onde quiser,

ultrapassando fronteiras e outras barreiras artificiais. É preciso usar com humildade as lentes da fé e assistir através delas à aparição na varanda de São Pedro de um novo papa.

Robert Francis Prevost não é um americano em Roma nem um papa com matrícula dos Estados Unidos. Não veio para contrastar com Trump ou para concordar com o mesmo, mas para confirmar os seus irmãos na fé, para anunciar o Evangelho neste fim de século, para ligar e desligar na Terra aquilo que estará ligado e desligado também no Céu. Veio para se colocar na pele desconfortável de Simão, filho de João, o pescador da Galileia, a quem Jesus dá o nome de Pedro, «e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela».

O 267.º Pedro já está aqui. Surgiu num lânguido pôr do sol romano na primavera do ano do Senhor de 2025, no dia 8 de maio, a festa litúrgica de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia.

Mas quem é Robert Francis Prevost?

«É o regresso de Pedro»

Cabe ao cardeal Giovanni Battista Re, natural de Borno, província de Bréscia, decano do sacro Colégio Cardinalício, presidir à Missa para a Eleição do Romano Pontífice, poucas horas antes da abertura do Conclave. Sua eminência tem 91 anos e não participará. Já presidiu ao funeral do Papa Francisco. Agora, do altar da Confissão, sob o gigantesco baldaquim de Bernini e sobre o túmulo do apóstolo Pedro, os seus olhos percorrem os rostos dos confrades cardeais a quem confiou a tremenda responsabilidade de escolher o novo pontífice. Durante a homilia, clarifica: «Estamos aqui para invocar a ajuda do Espírito Santo, para implorar pela sua luz e pela sua força, para que seja eleito o papa do qual a Igreja e a humanidade precisam neste capítulo da História tão difícil e complexo», reiterando que «todos os papas continuam a encarnar Pedro e a sua missão e, assim, representam Cristo na Terra; este é a pedra sobre a qual foi edificada a Igreja. A eleição do novo papa não é um simples revezamento de pessoas, mas é sempre o regresso do apóstolo Pedro».

Levantando os olhos das páginas, o cardeal Re sabe que o novo Pedro já está ali, à sua frente e em frente ao mundo inteiro; Deus já escolheu e pousou o seu olhar sobre o homem chamado para guiar a Igreja.

O cardeal Re cita outro Pedro: «Em *Tríptico Romano Meditações*, o Papa João Paulo II desejava que, nas horas da grande decisão mediante o voto, a imponente imagem ao estilo de Miguel Ângelo de Jesus, o Juiz, recordasse a cada um de nós a grandeza da responsabilidade de colocar as *supremas chaves*[5] nas mãos certas».

Concluindo: «Rezemos, então, para que o Espírito Santo, que nos últimos cem anos nos deu uma série de pontífices verdadeiramente santos e grandes, nos presenteie com um novo papa de acordo com o coração de Deus e pelo bem da Igreja e da humanidade. Rezemos para que Deus conceda à Igreja o papa que melhor saiba despertar as consciências de todos e as energias morais e espirituais na sociedade atual, caracterizada por um grande progresso tecnológico, mas que tende a esquecer-se de Deus.» Por fim, confia os 133 cardeais do Conclave a Maria, Mãe da Igreja, de modo que «intervenha com o seu toque materno, para que o Espírito Santo ilumine as mentes dos cardeais eleitores e os faça concordar na eleição do papa do qual o nosso tempo precisa».

Nessa tarde, os eleitores – já sem contar com os cardeais com mais de 80 anos – reúnem-se na Capela Paulina, sob a orientação do ex-secretário de Estado Pietro Parolin, primeiro cardeal da Ordem dos Bispos, que dali em diante presidirá aos trabalhos. Recitadas as orações previstas, os 133, dispostos em duas filas, ao som das ladainhas dos Santos, dirigem-se em procissão à Capela Sistina.

Naquela longa fila dupla de cardeais serpenteia a Igreja universal: nunca houve tantos cardeais, nunca de tantos lugares, 71 países do mundo, escolhidos pelo Papa Francisco nas periferias mais inesperadas e inéditas. Recordamos o dia do Pentecostes em Jerusalém, narrado nos *Atos dos Apóstolos*, depois de o Espírito pousar e a multidão perguntar-se, incrédula: como é possível compreendermos, cada um de nós na sua própria língua, aquilo que nos dizem? «Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia, vizinha

[5] Citação do «Inferno» da *Divina Comédia*, de Dante, Canto XIX. *(N. da R.)*

de Cirene, colonos de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes» e, no entanto, ouvimo-los «proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus.» Os eminentíssimos cardeais exaltam Deus na língua latina, pedindo a poderosa intervenção dos santos, chamados pelo seu nome nas solenes litanias, e invocam os santos patriarcas e profetas, os santos discípulos do Senhor, os santos pontífices romanos, os santos mártires e confessores da fé: «*Sancte Ioannis Baptista, ora pro nobis; sancti Petre et Paule, orate pro nobis…*» Percorrem os nomes dos papas proclamados santos, até aos mais recentes: «*Sancte Pie Decime, ora pro nobis; Sancte Ioannes Vicesime Tertie, ora pro nobis; sancte Paule Sexte, ora pro nobis; sancte Ioannes Paule Secunde, ora pro nobis.*» Das filas de cardeais em marcha, surgem preces a Deus para que «*ab omni malo, libera nos, Domine; ab omni peccato, libera nos, Domine*» e para que «*super hoc Conclave Spiritus tui virtutem effundas, te rogamus, audi nos*».

Atravessada a porta da Capela Sistina, cada um vai para o seu lugar atrás dos bancos e o cardeal Parolin entoa o solene canto do *Veni, creator Spiritus*, a antiga invocação ao Espírito Santo para que «*mentes tuorum visita… accende lumen sensibus, infunde amorem cordibus, infirma nostri corporis virtute firmans perpeti…*».

Terminado o canto, os 133 – um de cada vez – prestam o solene juramento, pousando a mão direita sobre o Evangelho e recitando em voz alta a fórmula «*Et ego…, Cardinalis…, spondeo, voveo ac iuro. Sic me Deus adiuvet et haec Sancta Dei Evangelia, quae manu mea tango*» (E eu…, Cardeal…, prometo, obrigo-me e juro. Assim, ajuda-me, Deus, e estes Santos Evangelhos que toco com a minha mão»).

Quando todos os cardeais já juraram, o mestre de cerimónias, monsenhor Diego Ravelli, ordena: «*Extra omnes*», fechando, por fim, a porta da Capela Sistina e isolando os cardeais votantes do resto do mundo. A sós com o Espírito Santo, em frente a Deus e à Igreja. A sós com a própria consciência e a própria fé. Ouvirão ainda um sermão do cardeal franciscano Raniero Cantalamessa e, depois, iniciarão as votações.

À tarde, da chaminé da Capela Sistina sai a primeira nuvem. Negra, acolhida pela ruidosa desilusão da multidão à espera na praça.